

ACTIVIDADES LEXICOGRÁFICAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

João Malaca Casteleiro

Universidade de Lisboa / Academia das Ciências de Lisboa

1. NOTA INTRODUTÓRIA

Uma das primeiras preocupações da Real Academia das Ciências, fundada em Dezembro de 1779, foi desde logo a elaboração de um grande dicionário da língua portuguesa. Neste empreendimento começaram a trabalhar, em meados do ano seguinte, os académicos Pedro José da Fonseca, Bartolomeu Inácio Jorge e Agostinho José da Costa de Macedo, os quais conseguiram, ao fim de treze anos de intenso labor, publicar, em 1793, o primeiro e único volume deste grande dicionário, mas circunscrito apenas à letra A (Academia das Ciências 1793).

Tomando como base de trabalho o *Vocabulário Português e Latino*, de Rafael Bluteau (1712-1728), publicado em 10 volumes, este primeiro *Dicionário* da Academia baseava-se na melhor metodologia lexicográfica da época, tanto portuguesa como europeia, e fundamentava-se em fontes documentais copiosas, que abrangiam cerca de quinhentas obras, de mais de duzentos autores diferentes. O *Dicionário* que então se arquitetava privilegiava, sobretudo, os séculos XVI e XVII, considerados como determinantes na refundação da língua portuguesa, graças à influência do Humanismo e do Renascimento e ao labor literário dos escritores clássicos, mas abrangia também o século XIV –um tempo de transição– e todo o período medieval. Tinha uma grande preocupação normativa, com um certo excesso purista, aliás próprio da época, mas visava essencialmente o objectivo patriótico de defesa da língua portuguesa, que estava a ser invadida por estrangeirismos, sobretudo de proveniência francesa, e começava a perder terreno no plano internacional.

O primeiro *Dicionário* da Academia, apesar de se quedar pela letra A, constitui um monumento lexicográfico, pela sua riqueza, pelo seu rigor, pela sua amplitude, assim como pela metodologia inovadora que consagra.

Este primeiro projecto da Academia repousou na poeira dos arquivos por mais de século e meio. De facto, só no início da primeira metade do século XX ele foi retomado, graças à iniciativa de Jacinto do Prado Coelho, Luís Filipe Lindley Cintra, Joseph Piel e Inês Louro. Do labor destes académicos, sob a direcção de Jacinto do Prado Coelho, secundados por vários colaboradores externos, resultou em 1976 um novo primeiro volume (Academia das Ciências 1976), mas, mais uma vez, apenas para a letra A e incidindo, sobretudo, na língua portuguesa contemporânea. A metodologia lexicográfica foi renovada, com recurso à linguística moderna, nomeadamente à semântica estruturalista e ao que de melhor se fazia na lexicografia europeia.

Não foram, porém, dadas à Academia condições para dispor de colaboradores a tempo inteiro e novamente este primeiro volume não teve continuidade. Foi necessário esperar até 1988, ano em que arranca o projecto que dá origem à publicação, em 2001, pela Editorial Verbo, do *Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea* (Academia das Ciências 2001), o qual abrange essencialmente os séculos XIX e XX. Contribuíram financeiramente para a concretização deste projecto a Fundação Calouste Gulbenkian e o Ministério da Educação, além de outras instituições, como o Ministério da Cultura e o Instituto Camões, que deram apoios mais pontuais.

2. CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS DO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Este novo *Dicionário*, que passo a designar como *Dicionário da Academia* ou, simplesmente, *Dicionário*, segue a linha dos seus predecessores –o primeiro, publicado em 1793, e o segundo em 1976– os quais, apesar de abrangerem apenas a letra A, estabeleceram, cada qual na sua época, uma metodologia lexicográfica rigorosa, inovadora, assente em fontes documentais muito ricas e variadas, modelar no quadro da lexicografia europeia.

Esta obra tem como objectivo essencial honrar o desígnio inicial da Academia, pondo à disposição do público português e agora, por extensão, de todos os povos que comunicam em língua portuguesa, um dicionário copioso, inovador, rigoroso e normalizador do uso vocabular.

O *Dicionário da Academia* regista sobretudo o léxico próprio da língua portuguesa contemporânea e actual –séculos XIX e XX– período em que o nosso idioma se enriqueceu com um vastíssimo número de novas palavras, quer construídas no seu interior por prefixação, sufixação, compo-

sição e outros processos lexicais, quer importadas de outras línguas, com especial destaque para o francês e o inglês.

Trata-se de um *Dicionário* amplo, que regista cerca de 70.000 entradas lexicais, em ordem alfabética, e quase 170.000 acepções ou definições de significados.

As definições das palavras são acompanhadas de mais de 85.000 sinónimos e de cerca de 16.000 antónimos. No interior dos artigos do dicionário incluem-se mais de 22.000 combinatórias fixas, que se usam, de certo modo, como palavras compostas sem hífen, tais como *água morta*, *corredor de fundo*, *sala de jantar*, etc.

Os significados ou acepções das palavras são ilustrados com 33.000 abonações ou citações, provenientes de autores literários, tanto portugueses como brasileiros e africanos, e ainda de autores científicos e outros, nomeadamente de origem jornalística. Para ilustrar os significados das palavras foram ainda construídos *ad hoc* 90.000 exemplos de frases ou construções. As locuções e expressões idiomáticas diversas, registadas no *Dicionário*, totalizam cerca de 14.000.

O léxico registado no *Dicionário* abrange, não apenas o vocabulário de uso geral, mas também cerca de 32.000 termos ou acepções das diferentes áreas científicas e técnicas, mais de 3.000 regionalismos portugueses e ainda os neologismos recentes e os vocábulos internacionais dos nossos dias, nomeadamente os das novas tecnologias. O *Dicionário* regista igualmente, na ordem alfabética, cerca de 700 elementos de formação (prefixos, sufixos e outros), gentílicos de uso mais geral, que se referem a continentes, países, estados brasileiros, cidades e outros, as siglas e os acrónimos de uso corrente, assim como as principais locuções latinas.

Como obra de amplitude lusófona, o *Dicionário da Academia* regista mais de 6.000 brasileirismos, cerca de um milhar de africanismos recentes e uma centena e meia de asiaticismos ainda actuais.

Como dicionário padrão da língua, a presente publicação constitui uma obra de natureza essencialmente descritiva, fundamentada no uso, embora tenha uma preocupação normalizadora em aspectos que se relacionam com a grafia, a fonética, o aportuguesamento de estrangeirismos ou a sua substituição por formas vernáculas, a hifenização de certos compostos, etc.

No que respeita aos estrangeirismos recentes, ou seja, vocábulos importados das línguas modernas, o *Dicionário da Academia* regista cerca de um milhar, dos quais 70% são de origem inglesa, sobretudo por via americana, 20% de origem francesa e 10% de outras proveniências. Destes, o *Dicionário* mantém, na sua forma de origem, aqueles que o uso nacional e internacional consagrou, como *copyright*, *leasing*, *marketing*, *software*, etc.

Registou, com forma aportuguesada ou semiaportuguesada, palavras –algumas delas já consagradas pelo uso de certos autores– como *ateliê* (do fr. *atelier*), *bibelô* (do fr. *bibelot*), *brífingue* (do ingl. *briefing*), *gangue* (do ingl. *gang*), *icebergue* (do ingl. *iceberg*), *lóbi* (do ingl. *lobby*), *motar* (do fr. *motard*), *raile* (do ingl. *rail*), *stresse* (do ingl. *stress*), *tróica* (do russo *troika*), etc. Propôs formas vernáculas, por tradução, em casos como *alta-fidelidade*, em vez do ingl. *hi-fi*, *assalto*, em vez do ingl. *round*, *empregado de bar*, em vez do ingl. *barman*, *churrasco*, em vez do ingl. *barbecue*, *correio electrónico*, em vez do ingl. *e-mail*, *registo de embarque/entrada*, em vez do ingl. *check-in*, *resultado*, em vez do ingl. *score*, *saber-fazer*, em vez do ingl. *know-how*, etc.

No domínio dos estrangeirismos foi preocupação da Academia proteger de excessos a língua portuguesa, sem purismo excessivo, mas também sem a permissividade abusiva de certos *media*. O uso, por exemplo, de 2 ou 3% num texto, de termos estrangeiros, na sua grafia de origem, não desvirtuará, com certeza, o espírito do idioma. O mesmo não acontecerá, porém, se no mesmo texto ocorrerem 10 ou 15% de palavras estrangeiras, na sua forma de origem. Seguiu-se, aliás, no que concerne a este caso, a mesma preocupação dominante em outras línguas, como, por exemplo, o espanhol ou o francês.

Todas as entradas lexicais do *Dicionário* apresentam, além da classificação gramatical, a transcrição fonética da pronúncia, segundo a norma culta, aproximada, de Lisboa e Centro do país, excepto em abreviaturas, elementos de formação, locuções latinas e símbolos.

O *Dicionário* apresenta igualmente a etimologia das palavras, com excepção de certos compostos hifenizados (*algodão-em-rama*, *fim-de-semana*, etc.), das contracções (*à*, *deste*, etc.), das locuções latinas (*ad hoc*, *status quo*, etc.) e dos símbolos (*Ag*, *NW*, etc.).

O *Dicionário da Academia* constitui uma obra ímpar no panorama lexicográfico português, pela amplitude e variedade do léxico registado, pela riqueza das acepções ou significados que apresenta, pela quantidade de sinónimos e antónimos que acompanham as definições, pela cópia de abonações e exemplos que ilustram as acepções das palavras, pela forma inovadora como estrutura toda a informação lexical, pelo interesse da transcrição fonética da pronúncia das palavras.

3. VERSÃO PORTUGUESA DO *DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA*

Uma tarefa a que lançámos mãos na Academia, no seguimento da publicação do dicionário acima referido e em colaboração com o Instituto António Houaiss, do Rio de Janeiro, consistiu na elaboração da versão portuguesa do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, entretanto publicado no Brasil (Houaiss 2001).

Esta tarefa, ou seja, a adaptação da versão brasileira deste dicionário à norma europeia do português, apresentou-se como um desafio lexicográfico muito interessante e que era difícil recusar, pelas seguintes razões:

(a) Era a primeira vez que se procedia à adaptação à norma europeia do português de um dicionário em versão brasileira, o que constituía, sem dúvida, uma experiência inovadora e de grande alcance para a Lexicografia Portuguesa.

(b) Este dicionário era a obra de uma vida de um dos mais eminentes filólogos brasileiros, como foi António Houaiss.

(c) Esta obra procurava abranger o vastíssimo domínio geográfico da Lusofonia, na medida em que inseria africanismos e asiaticismos dos países e territórios de língua portuguesa.

(d) Dava especial destaque à diversidade lexical do português, numa perspectiva comparativa, sem, contudo, prejudicar a unidade essencial da língua.

(e) Permitia desenvolver laços de uma eficaz cooperação lexicográfica entre a equipa portuguesa, que colaborou na conclusão do *Dicionário da Academia*, e a equipa brasileira do *Dicionário Houaiss*.

(f) Constituía para o mundo de língua portuguesa mais uma importante obra de referência lexicográfica.

O trabalho de adequação ao português europeu de um dicionário de tão grande envergadura, com cerca de 218.000 entradas lexicais, não devia limitar-se apenas às divergências ortográficas, como eventualmente poderia esperar-se, mas tinha de abarcar também vários domínios da gramática, como a ortoépia, igualmente com reflexos na ortografia, a morfologia, a sintaxe e a semântica. Assim, na versão portuguesa do *Dicionário Houaiss* tivemos necessidade de inserir variadíssimas alterações, umas relacionadas com a macroestrutura e outras respeitantes à redacção e estruturação dos próprios artigos. A elaboração da versão portuguesa do *Dicionário Houaiss* ocupou-nos cerca de dezoito meses. Este foi publicado pelo Círculo de Leitores, em seis volumes, em 2002-2003 (Houaiss 2002-2003).

4. ELABORAÇÃO DO NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Concluída a versão portuguesa do *Dicionário Houaiss*, começámos a dar corpo a um novo projecto, que consistia na elaboração de um novo dicionário de tipo escolar, que pudesse caber num único volume, mais manuseável, e satisfazer melhor às necessidades de aprendizagem e ensino da língua nas escolas, numa perspectiva de produção textual ou codificação e não apenas concebido na óptica da compreensão ou descodificação lexical. De facto, os dicionários de tipo escolar disponíveis satisfaziam mais a esta última perspectiva do que à primeira.

A nomenclatura do dicionário foi estabelecida progressivamente, com métodos inovadores baseados na investigação linguística e no uso de novas tecnologias. Assim, a estruturação inicial da nomenclatura, que constituiu o seu ponto de partida, alicerçou-se nas cerca de 2.200 palavras resultantes da investigação sobre o Português Fundamental pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (Bacelar do Nascimento et al 1987). A este primeiro acervo lexical foram sendo progressivamente acrescentadas entradas, como resultado de pesquisa e selecção a partir de *corpora* seleccionados, de comparação com outras obras da lexicografia portuguesa e brasileira e de pesquisa em motores de busca da Internet. À nomenclatura assim seleccionada foram ainda acrescentadas as entradas de programas escolares seleccionados do ensino básico e secundário e da *Terminologia Linguística para o Ensino Básico e Secundário*.

A nomenclatura deste dicionário é, por um lado, mais restrita, abrangendo apenas cerca de 53.700 palavras, em contraste com as cerca de 70.000 do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, já que se eliminaram, entre outros, os verbetes correspondentes a regionalismos, brasileirismos, africanismos e asiaticismos. Em contrapartida, nas cerca de 53.700 entradas lexicais entra um grande número de palavras novas não registadas no dicionário anterior. Este dicionário comporta cerca de 130.000 acepções, mais de 73.500 sinónimos e quase 13.000 antónimos e ainda aproximadamente 64.000 exemplos, ilustrativos do uso das palavras que constituem a nomenclatura do dicionário. Por motivos de natureza prática e de economia textual, não foram tidas em conta abonações ou citações literárias e outras.

A estrutura dos artigos ou verbetes do novo dicionário é diferente e inovadora quanto ao modelo lexicográfico adoptado. Assim, merecem destaque, como características inovadoras, entre outras, a divisão silábica para translineação das palavras, apresentada logo na entrada lexical; a classificação morfossintáctica dos verbos e respectiva exemplificação; os quadros de conjugação verbal; a junção, na mesma entrada lexical, de pa-

lavras homónimas com idêntica etimologia mas classificação gramatical diferente.

A redacção dos verbetes teve claramente a intenção didáctica de explicitação do conhecimento da língua, aliada à necessidade de clareza e simplicidade das definições. Como trabalho prévio à redacção do dicionário, foi feita uma lista reduzida dos definidores a utilizar num dicionário de cariz didáctico. Para tal objectivo, foi estabelecido um conjunto de definições baseado num único núcleo de definição, funcionando a definição dos verbetes da mesma família com base na definição do verbo. Esta opção teve em conta, além de critérios de economia, a necessidade de os aprendentes da língua tomarem consciência da capacidade produtiva do português, através dos seus mecanismos regulares de flexão, de derivação, de composição e outros.

O *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* contém uma classificação explícita de todas as regências verbais e respectiva exemplificação. Esta classificação segue a nomenclatura da *Terminologia Linguística para o Ensino Básico e Secundário* aprovada em Diário da República, em Dezembro de 2004.

Na elaboração dos verbetes respeitantes aos verbos foi dada informação quanto à conjugação verbal, o que levou à criação de 59 paradigmas verbais. A cada um dos 7.683 verbos incluídos na nomenclatura do dicionário foi atribuído o paradigma correspondente à sua flexão, com indicação da defectividade verbal.

Em suma, este *Novo Dicionário* apresenta-se como um instrumento de aprendizagem muito útil para o consulente que deseje esclarecer e compreender as suas dúvidas, adquirir conhecimentos e melhorar a utilização que faz do português, quer como língua materna, língua segunda ou língua estrangeira.

Infelizmente, este *Dicionário*, apesar de concluído em fins de 2005, ainda não está publicado.

5. NOVAS TAREFAS LEXICOGRÁFICAS DA ACADEMIA

Uma das tarefas mais importantes que estão em curso respeita à elaboração da segunda edição do *Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea*. O principal objectivo desta edição é o de corrigir as gralhas, erros e lacunas da primeira e aumentar a nomenclatura para cerca de 90.000 a 95.000 entradas. Outro objectivo, não menos importante, consiste na revisão das fontes documentais, assim como na sua ampliação, a fim de

se incluïrem autores de referêncïa que nã foram contemplados na primeira ediçã e alargar tal inclusã a novos escritores, entretanto surgidos e cuja qualidade literãria seja reconhecida. Torna-se necessãrio tambêm rever alguns modelos especïficos dentro da elaboraçã dos artigos, visando uma maior sistematizaçã e rigor lexicogrãficos. Encontra-se jã revista e actualizada a maior parte da letra A, que inclui cerca de 2.400 artigos ou acepçõs novas e foi jã efectuada a redacçã, segundo o novo modelo da 2ª ediçã, de aproximadamente 7.200 artigos ou acepçõs novas para as outras letras do dicionãrio.

O *Dicionãrio da Língua Portuguesa Contemporãnea*, que abrange apenas os sêculos XIX e XX, é o primeiro de uma trilogia que deve ser completada com um *Dicionãrio da Língua Portuguesa Medieval*, para os sêculos XII a XV e um *Dicionãrio da Língua Portuguesa Clãssica*, para os sêculos XVI a XVIII.

O *Dicionãrio da Língua Portuguesa Medieval* encontra-se jã em curso de elaboraçã, no âmbito de uma cooperaçã muito oportuna entre a Academia e o Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. Nesta tarefa colaboram tambêm as Professoras Maria Francisca Xavier, Maria de Lurdes Crispim, a Doutora Alexandra Fiéis e outros colaboradores. Este projecto é apoiado financeiramente, nomeadamente atravês da concessã de algumas bolsas de investigaçã, pela Fundaçã para a Ciêncïa e Tecnologia do Ministêrio da Ciêncïa, Tecnologia e Ensino Superior. Sobre este projecto nã adiantarei mais nada, uma vez que a Professora Maria Francisca Xavier o fai neste mesmo volume.